

## Tolkien e Historicidade em *Beowulf*

**Bernardo Ribeiro**

Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (FLUL)

**Inês Marques (Orientadora)**

Doutoramento em Literatura Portuguesa (FLUL)

DOI: 10.51427/com.est.2024.03.01.0010

**RESUMO:** O presente artigo visa demonstrar que a palestra “Beowulf: The monsters and the critics”, proferida por J. R. R. Tolkien em 1936, veio alterar drasticamente a subsequente crítica literária em torno da obra medieval *Beowulf*. Se, anteriormente, este épico era estudado apenas como uma fonte histórica acerca do território que hoje corresponde à Dinamarca por volta do século VIII, sendo as suas qualidades literárias relegadas para segundo plano, a partir da aula de Tolkien, *Beowulf* começa a ser encarado como um texto poético de fantasia que deve ser analisado à luz das suas particularidades artísticas inovadoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Beowulf*; Fantasia; Historicidade; J. R. R. Tolkien.

**ABSTRACT:** This article aims to demonstrate that the lecture “Beowulf: The monsters and the critics”, given by J. R. R. Tolkien in 1936, drastically changed the subsequent literary criticism surrounding the medieval work *Beowulf*. If, previously, this epic was studied only as a historical source about the territory that today corresponds to Denmark around the 8th century, with its literary qualities relegated to the background, from Tolkien’s class, *Beowulf* begins to be seen as a poetic fantasy text that must be analyzed in light of its innovative artistic particularities.

**KEYWORDS:** *Beowulf*; Fantasy; Historicity; J. R. R. Tolkien.



## Introdução

*Beowulf* é considerado um dos grandes poemas em inglês antigo no cânone literário mundial. Vários aspectos do poema têm sido debatidos ao longo dos anos: desde a sua autoria, se foi, realmente, preservado através da tradição oral, o subgênero literário e, por fim, a historicidade do poema. A palestra revolucionária de J.R.R. Tolkien, “The Monsters and the Critics,” que influenciou uma grande parte da subsequente crítica literária de *Beowulf*, na qual ele argumenta contra trabalhos prévios que encaravam o poema como uma pedreira na qual podiam encontrar factos históricos, ofuscando a excelência literária do texto, marcou a mudança na tradição crítica de *Beowulf*. A partir desse momento, este passou a ser maioritariamente visto como um trabalho de fantasia poética sem muita utilidade para o estudo da história.

Ironicamente, apesar da proeminência da palestra em forma de ensaio, sabemos, através de trabalhos publicados postumamente, que Tolkien encarava *Beowulf* enquanto história seriamente, sendo um exemplo disto o estudo intitulado *Finn and Hengest* (1982). Neste artigo, a palestra de 1936 de Tolkien vai ser o ponto de partida para contrastar as secções relevantes com trabalhos posteriores, argumentando em favor de uma visão histórica autêntica presente no poema.

### Tolkien — “The Monsters and the Critics”

No dia 25 de novembro de 1936, Tolkien leu pela primeira vez a palestra “The Monsters and The Critics” que, uma vez publicada, alterou por completo a direção da crítica sobre *Beowulf*. Um dos seus argumentos era claro: o poema deve ser visto à luz da sua excelência literária que fora afogada pelas extensas críticas que o viam maioritariamente como um documento histórico e que raramente se

focavam na qualidade poética do mesmo.<sup>1</sup> Relevante vai ser também o facto de, no mesmo ensaio, Tolkien não só refutar opiniões de que os monstros em *Beowulf* ou eram um erro ou não deveriam aparecer em ambas as metades do poema, mas também acrescentar que estes eram essenciais para o poema, defendendo a legitimidade da fantasia como género literário.<sup>2</sup>

Foi, portanto, este momento que marcou o início do quebrar de uma tradição antiga e o começo de uma nova; uma tradição de crítica virada para uma visão do poema enquanto um objeto literário, e não uma em que o texto ora era visto como um documento meramente histórico, ora era interpretado e comparado a algo que alguns desejavam que o poema fosse.

### **Tolkien e fantasia**

Considerando trabalhos como *Finn and Hengest*, é possível conceber que Tolkien encarava os aspetos históricos de *Beowulf* com seriedade, o que leva à questão: que razões podia ele ter para defender a fantasia em *Beowulf*? Uma razão plausível é avançada por Tom Shippey (2022), que aponta para a madura afinidade do autor com o fantástico. Mais especificamente, em 1936, Tolkien escrevia sobre fantasia há vinte anos e estava a meio do processo de publicar *The Hobbit* (1937), e se havia alguém que teria razões pessoais para defender dragões e outros monstros num poema, era, precisamente, alguém que estava a escrever

---

<sup>1</sup> "So far from being a poem so poor that only its accidental historical interest can still recommend it, *Beowulf* is in fact so interesting as poetry, in places poetry so powerful, that this quite overshadows the historical content, and is largely independent even of the most important facts such as the date and the identity of Hygelac that research discovered" (Tolkien 1936, 7).

<sup>2</sup> "I would suggest, then, that the monsters are not an inexplicable blunder of taste; they are essential, fundamentally allied to the underlying ideas of the poem, which give it its lofty tone and high seriousness" (Tolkien 1936, 142).

sobre o tema há duas décadas. Em “The Monsters and the Critics” (1936), Tolkien discorre favoravelmente sobre dragões em lendas,<sup>3</sup> mencionando também que existia mais do que um poema recente inspirado pelo dragão de *Beowulf*,<sup>4</sup> o que é verdade. De facto, havia mais do que um poema recentemente inspirado por dragões: o primeiro pela mão do Tolkien e outro pelo seu amigo C. S. Lewis. Tendo em conta as publicações póstumas de Tolkien, podemos agora afirmar que quando, por razões pessoais, não estava a defender a fantasia, este encarava a dimensão histórica em *Beowulf* seriamente. De forma a demonstrar parte desta dimensão contida em *Beowulf*, é crucial prestar atenção à divisão temática do poema, assim como à quantidade de linhas dedicadas a certos temas.

### **A estrutura do poema**

Analisando a estrutura do poema, podemos verificar que a ação principal é composta pelas três lutas entre Beowulf, Grendel, a mãe de Grendel e o dragão, mas estas estão rodeadas por momentos de retrospeção e comentários de cariz histórico. De facto, o autor reserva mais espaço para estes momentos do que para a fantasia, na qual estão incluídas as três lutas citadas anteriormente.

Em *Beowulf and the North Before the Vikings* (Shippey 2022), este facto está esquematizado de forma clara. Vamos primeiro olhar para o espaço alocado para as lutas fictícias:

---

<sup>3</sup> “Whatever may be his origins, in fact or invention, the dragon in legend is a potent creation of men’s imagination, richer in significance than his barrow is in gold” (Tolkien 1936, 18).

<sup>4</sup> “More than one poem in recent years...has been inspired by the dragon of *Beowulf*” (Tolkien 1936, 18).

- Luta entre Beowulf e Grendel — Linhas 661–836
- A tentativa de vingança da mãe de Grendel — Linhas 1250–1650
- Luta entre o dragão e Beowulf — Linhas 2510–2850

Agora, as partes do poema relacionadas com história:

- É-nos apresentada a genealogia dos reis dinamarqueses (de Scyld a Hrothgar) — Linhas 1–660
- Beowulf é comparado a Sigemund e Heremond, os poetas cantam a história da luta em Finnsburg (um triunfo dos Danes sobre os Frisians), questões sobre quem vai suceder a Hrothgar — Linhas 837–1249
- Beowulf relata a Hygelac sobre os eventos na corte dinamarquesa — Linhas 1650–2199
- Beowulf, já envelhecido, fala sobre as guerras suecas na qual toda a dinastia real dos Geats será morta — Linhas 2200–2630
- Beowulf morre e um mensageiro conta ao seu séquito que perderam o rei, lembrando-lhes que têm como inimigos os Franks e os Swedes e fala-lhes ainda das guerras suecas — Linhas 2845–3182.

É possível, então, concluir que as lutas ocupam menos de trinta por cento do poema, tendo o autor dado mais ênfase ao contexto histórico do que à fantasia.

É de notar também que em várias destas secções nos são apresentados dezenas de nomes, muitos dos quais não encontram respaldo no atual conhecimento histórico e arqueológico, mas que o poeta pareceu considerar importantes quando tratava de matérias políticas.

## Os escribas de *Beowulf* e o desastre de Hygelac

Apesar de *Beowulf* não conter referências temporais ou datas concretas, podemos afirmar os seguintes dois factos:

O primeiro é de que a única cópia do poema na qual todas as edições posteriores dependem foi escrita por volta do ano 1000 por dois escribas diferentes, cujas caligrafias distintivas nos permitem afirmar que, muito provavelmente, foi terminado entre os anos 1000 e 1010;

O segundo é de que o poema é situado no século VI, na Escandinávia. Isto explica-se pela incorporação, no poema, de uma personagem: Hygelac. Apesar de ter sido mencionado várias vezes antes da linha 1923 que este é o tio de *Beowulf*, neste exato momento, o poeta não pareceu particularmente preocupado em apresentá-lo devidamente, dando a entender que este assumia que os seus ouvintes contemporâneos o reconhecessem. É no poema também que é mencionada a morte do mesmo: um ataque que partiu do que agora é o Sul da Suécia até à zona correspondente aos Países Baixos. Foi este ataque que o levou ao encontro de um exército franco, tendo ele e a maioria dos seus homens sido massacrados. Felizmente, este acontecimento parece ter sido registado pelo historiador franco Gregory of Tours, perto da data do acontecimento. Este escreve que o ataque ocorreu durante o reinado de Teodorico I e, considerados outros detalhes, podemos ainda prever que provavelmente aconteceu depois de 525. Este facto é corroborado por outro cronista franco que escreve mais de cem anos depois, acrescentando apenas detalhes sobre a tribo que foi alvo do ataque.

Podemos, portanto, não só afirmar que este personagem existiu realmente, mas também que morreu por volta do ano 530 pelas mãos de um exército franco.

Apesar de *Beowulf* e da maior parte dos eventos diretamente relacionados com ele, como as lutas com os monstros, serem fictícios, há muitos exemplos

de acontecimentos, personagens e locais em *Beowulf* que estão alinhados com a arqueologia, e, em particular, com descobertas arqueológicas recentes, como o *mead-hall* encontrado pelo professor Cristensen, cuja construção ocorreu no início do século VI e que parece enquadrar-se com o *hall* que Hrothgar prometeu construir logo no início do poema.

### **Vikings e Beowulf**

*Beowulf* pode ser também a chave para entender o motivo que levou ao fator surpresa dos infames ataques dos vikings no século VIII. Como sabemos, os Anglo-Saxões chegaram à atual Inglaterra no século V, mas mesmo antes eram comuns ataques dos saxões a partir do mar durante o período romano. Portanto, porque é que a chegada dos vikings foi motivo de choque?

A resposta é bastante simples: os ataques tinham findado. No século VI, a Escandinávia parece ter vivido um tempo particularmente tumultuoso, em parte por causa de disputas domésticas que são constantemente referidas em *Beowulf*. Compreensivelmente, esta região demorou algum tempo a recuperar, tendo como consequência um período de cessar de ataques vindos desta zona, explicando assim a surpresa de quem viu o retornar, séculos mais tarde, dos mesmos.

### **Conclusão**

Apesar de Tolkien ter iniciado uma tradição crítica de *Beowulf*, com a sua palestra em 1936, que o vê como um poema e não como um documento histórico, sabemos, através de publicações póstumas, que este também dava importância ao texto como documento sobre o qual se podem retirar conclusões históricas. Recentes descobertas arqueológicas têm vindo, ao longo dos últimos anos, a

reforçar a visão de *Beowulf* enquanto um documento histórico e que nos oferece também um panorama geral sobre os eventos históricos do século V e VI na Escandinávia, podendo eventualmente ser uma peça fundamental para perceber parte da história da Inglaterra.

## Referências

Shippey, T. A. 2022. *Beowulf and the north before the Vikings*. Leeds, England: Arc Humanities Press.

Tolkien, J.R.R., e Alan J. Bliss, eds. 1982. *Finn and Hengest: The Fragment and the Episode*. London: Allen & Unwin.

Tolkien, J.R.R. 1936. "Beowulf: The Monsters and the Critics." *Proceedings of the British Academy* (22): 102-30.